

A INTERTEXTUALIDADE ENTRE O CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

Irineu Lopes¹

Resumo

Este artigo trata da Intertextualidade presente no conto Chapeuzinho Vermelho de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm e na história em quadrinhos da turma da Mônica, Turma da Mônica em: Chapeuzinho Vermelho, de Maurício de Souza. Buscamos mostrar sua importância para a Língua Portuguesa e Literatura, para o aluno que está sendo alfabetizado e que acaba se tornando crítico, questionador e observador, e também as estratégias empregadas pelos autores para cativar o leitor.

Palavras-chave: Intertextualidade. História em quadrinhos. Turma da Mônica.

ABSTRACT:

This article deals with the intertextuality present in the tale Little Red Riding Hood by Jacob Grimm and Wilhelm Grimm and in the comic strip of Monica's group, Turma da Mônica in: Chapeuzinho Vermelho, by Maurício de Souza. We seek to show its importance for the Portuguese Language and Literature, for the student who is becoming literate and who becomes critical, questioning and observant, and also the strategies employed by the authors to captivate the reader.

Key words: Intertextuality. Comic. Group of the Mônica.

¹Licenciado em Matemática e Letras pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Licenciado em Normal Superior pela Universidade Ermínio Ometto de Araras (UNIRARAS). Licenciado em Ciências Exatas e em Pedagogia pelas Faculdades Integradas do Vale do Ribeira (SCELISUL).

INTRODUÇÃO

Este artigo decorre da pesquisa sobre o tema “Estudos de intertextualidade”, sendo referenciado principalmente por textos de Norma Seltzer Goldstein; Maria Silvia Louzada; Regina Ivanomoto e Ingedore Koch. O presente artigo visa analisar dois textos “Chapeuzinho Vermelho” de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm e “A turma da Mônica em: Chapeuzinho Vermelho” de Maurício de Souza para verificar como ocorre a intertextualidade entre os textos faz-se uso das ideias de Goldstein e Koch. Para atingir tais objetivos, fez-se revisão bibliográfica, para embasamento teórico, e realizaram-se discussões no grupo acerca do assunto. A partir das reflexões, fizemos análises das obras para mostrar como ocorre o processo de intertextualidade, dessa forma foi possível reunir estratégias que podem colaborar para a qualidade do ensino e para a aprendizagem de literatura.

As pessoas nas mais diversas faixas etárias, sejam elas crianças, jovens, adultos ou idosos, quando tem em suas mãos as revistas ou, comumente, gibis da Turma da Mônica é notória a possibilidade de uma riqueza envolvendo a arte gráfica, linguística, enredo, personalidade, entre outros, que encanta em todos os aspectos. Se houver uma pesquisa nas escolas voltadas às histórias em quadrinhos, certamente, as obras de Maurício de Souza lideram como a preferida pelos estudantes e educadores. Por outro lado, os contos de fadas possibilitam e alcançam o mundo fantasioso de uma criança levando-a a curiosidade que espontaneamente é alcançada no decorrer da leitura dos contos. Os contos possibilitam uma descoberta deste mundo conflitante, dos empecilhos, das resoluções que todos vivem e cruzam através das dificuldades que vão sendo enfrentadas ou não, solucionadas ou não, pelos personagens de cada história.

Este artigo será abordado visando à intertextualidade atrelada entre o conto de fada "Chapeuzinho Vermelho" com a história em quadrinhos da turma da Mônica que terá como embasamento nas pressuposições da linguística textual, cujo objetivo é analisar cuidadosamente as considerações teóricas, buscando uma perspectiva que atinja uma compreensão efetiva.

Este artigo se caracteriza por ser uma ferramenta pedagógica de informação a fim de contribuir com os professores e demais leitores fornecendo informações sobre a

intertextualidade e as ligações entre obras, sendo essa contribuição nosso principal objetivo. Visando atingir o objetivo proposto, faremos uma análise do conto da Chapeuzinho Vermelho relacionando com a história em quadrinhos da Turma da Mônica aplicando os conceitos de Norma Seltzer Goldstein; Maria Silvia Louzada; Regina Ivanomoto e Ingedore Koch para confirmarmos nossa hipótese.

Lembrando sempre da bagagem que o aluno traz consigo, que irá ajudar no seu desenvolvimento como leitor, sabendo de que se ele lê um Gibi, tirinha ou qualquer outro tipo de texto escrito e o entende, ele já está praticando o ato de compreender o que foi lido, mediante a nenhuma pressão por parte dos docentes e/ou pais. E isso é ótimo, pois o aluno não se sentirá na obrigação de ler e entender e sim porque ele tem gosto por tal prática.

Ter consciência de que a leitura é importante fonte de informação e dessa forma promove o enriquecimento cultural e intelectual dos leitores, elevando-os a um novo nível de conhecimento é o primeiro passo para despertar o gosto pela leitura. E na consciência de que ser um leitor, não significa apenas ler um livro, é preciso entendê-lo e para tal, bem como para que o gosto pela literatura seja incentivado sabemos que é preciso olhar o texto com uma visão intertextual e amparados pela concepção de Goldstein, Louzada, Ivanomoto e Koch, justificamos nosso artigo. Desse modo, as definições de como se dá o processo de intertextualidade apresentados nos textos nos darão embasamento para analisarmos os textos escolhidos de forma mais detalhada e precisa. Além de desenvolver um novo olhar em nossa interpretação. Sendo que: “intertextualidade pode ser considerada uma característica de todos os textos.” (GOSDSTEIN, 2009, p. 47).

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar e coletar métodos para análise da intertextualidade entre dois gêneros textuais. E os objetivos específicos será pesquisar as características da intertextualidade presentes em um texto; destacar aspectos da intertextualidade implícita presentes do conto “Chapeuzinho Vermelho” na HQ da Turma da Mônica; buscar alguns processos que caracterizam a intertextualidade como a alusão, citação, paráfrase e paródia entre os dois gêneros textuais e por fim buscar, **por meio da análise de dois textos, verificar como se apresenta a intertextualidade nessas obras.**

Este estudo foi elaborado através de uma pesquisa qualitativa, que de acordo com Silva e Menezes “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (SILVA E MENEZES, 2001, p.20).

Sendo assim, para construção deste artigo, utilizamo-nos da pesquisa bibliográfica que viabilizou a fundamentação teórica do estudo. Além das referências, fizemos a análise dos textos “Chapeuzinho Vermelho” de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm e “A turma da Mônica em: Chapeuzinho vermelho” de Maurício de Souza, tal análise foi subsidiada pelos textos “**O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade**” de Norma Seltzer Goldstein; Maria Silvia Louzada; Regina Ivanomoto e “**Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**” de Ingedore Koch.

Os entendimentos advindos do artigo elaborado poderão mostrar aos docentes e aos demais leitores que a intertextualidade está presente em todos os textos e é essencial identificá-la para uma melhor interpretação, além de despertar neles a necessidade e o gosto pela leitura.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em análise ao texto “**O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade**” de Norma Seltzer Goldstein; Maria Silvia Louzada; Regina Ivanomoto, encontramos uma das passagens que podemos considerar a mais importante de todas, nela as autoras afirmam que nenhum texto tem ponto de partida no zero, todos eles são ligados de forma direta ou indiretamente a algum texto já escrito anteriormente e são construídos embasados em conhecimentos adquiridos em um dado relato, leitura ou vivência. Segundo Goldstein, todo autor ao produzir seu texto faz menção a outro texto já escrito antes, portanto, toda obra textual deriva de outra. Ainda para as autoras a “intertextualidade pode ser considerada uma característica de todos os textos.” (GOSDSTEIN, 2009, p. 47). E define alguns “processos que caracterizam a intertextualidade: alusão, citação, paráfrase e paródia” (GOSDSTEIN, 2009, p. 47).

Para Goldstein (p. 47, 2009) “A alusão consiste na menção a outro texto que seja conhecido” [...] “Já a citação entre aspas reproduz fielmente o texto citado, transcrevendo passagens dele na íntegra”.

Sendo assim, podemos definir a alusão como sendo o processo que relaciona um texto a outro de forma explícita ou implícita, através de uma palavra ou expressões criando uma espécie de intertexto. Podemos perceber exemplos desse artifício em “Três Nações e uma Copa”, obra de Roberto Pompeu de Toledo, quando cita em seus textos dados que lembram o leitor de textos conhecidos como, por exemplo, o Hino Nacional. A alusão fornece pistas para o leitor interpretar o texto. Enquanto que a citação é a forma mais explícita de intertextualidade, em seu formato direto, traz entre aspas o texto na íntegra, além de indicar o referido autor, ano e página da referida citação, como foi feito nos parágrafos anteriores.

Algumas paráfrases tornam o tema ou assunto mais compreensível diante de uma nova releitura, pois permite considerar fins explicativos ou interpretativos considerando a mesma informação, mas utilizando outros recursos linguísticos. Em geral, podemos dizer que ocorre paráfrase quando um texto mantém a mesma metodologia de expressão que outro, como é o caso do nosso hino Nacional e a “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, pois mantém o mesmo ufanismo à pátria, interessante lembrar uma paráfrase conhecida que é o texto “Nova Canção do Exílio” de Carlos Drummond de Andrade com a “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, podemos perceber nitidamente que Drummond reescreveu o texto com outras palavras. Enquanto isso, Mário Quintana fez paródia com o mesmo texto de Gonçalves Dias, reescreve-o em outra perspectiva, num tom crítico, irônico, contrário à ideia inicial, características estas que definem a paródia.

Para reiterar uma classificação dos vários tipos de intertextualidade, de acordo com Koch (2015), existia a necessidade de dar continuidade aos estudos que procurou determinar uma diversidade entre as manifestações da intertextualidade e da polifonia desde que tomados em seu sentido específico.

Koch, 2015 parte do mesmo ponto que as autoras de “Um texto sem mistério” afirmando a notável presença de outras pessoas em tudo que é escrito ou falado, denomina este processo de polifonia ou intertextualidade.

Segundo Koch (2015) ocorre a intertextualidade quando percebemos a presença de um intertexto no texto analisado. Essa intertextualidade pode ser explícita quando ocorre de maneira que é referenciada a fonte do intertexto, é o que ocorre, por exemplo,

nas citações, menções, resumos, resenhas e traduções, no argumento à autoridade, nas retomadas de textos outrora feitas por outro autor, para encadeá-los ou contraditá-los ao contrário da intertextualidade implícita que não menciona a fonte e apresenta diversas funções como ironizar, criticar, argumentar em sentido contrário. Koch ainda relata que, o usuário da intertextualidade implícita tem a intenção de que o leitor reconheça esse artifício ao ler o texto, exceto em caso de plágio, no qual o “autor” tenta mascarar o intertexto de forma a esconder sua fonte.

O *detournement* é um fenômeno da intertextualidade implícita. É a adulteração ou alteração de um determinado texto ou expressão. As fontes originais das obras literárias não são mencionadas, como por exemplo, na substituição de fonemas, de palavras, acréscimos, supressão, transposição.

Como pode ser visto nesses exemplos de variações percebemos que o *detournement* abrange em grande parte a subversão uma contradição ao texto-fonte pela negação de uma parte ou do todo, ou do apagamento da negação que ele encerra bem como do acréscimo de expressões adversativas. “Existe ainda o *détournement* de provérbios, frases feitas, títulos de filmes ou obras literárias... de textos ou títulos de textos literários... clichês, slogans, passagens bíblicas, etc.” (KOCH, 2015, p.48). Porém, existem intertextualidades implícitas que não apresentam este fenômeno, nesses casos os intertextos são utilizados sem alterações linguísticas em outro contexto, para gerar novas interpretações.

Na intertextualidade faz-se necessário o uso de um intertexto, seja com menção a sua fonte ou não. Já na polifonia é necessário apenas que “se encenem, no sentido teatral... perspectivas com pontos de vista diferentes” (Koch, 2015, p. 150) de autores diferentes, ou seja, em relação a intertextualidade, a polifonia traz um conceito mais amplo. Há ainda, segundo Koch (2015), casos de polifonia que são notoriamente apresentados em um mesmo enunciado e com isso, encontram-se mais de um locutor que para a autora denomina intertextualidade explícita comum nas paródias, alusões e em alguns casos de ironia fazendo necessário o uso de um intertexto. Quando o mesmo não aparece dizemos que ocorre polifonia, e estes dois fenômenos comprovam a presença do outro no que escrevemos ou falamos.

Contudo, verificamos que todos os autores acima relacionados encontram de alguma forma a intertextualidade presente em todos os textos, sendo este um fator de grande valor na interpretação do mesmo, e desse modo podemos colocar a intertextualidade como sendo um caminho para o entendimento e o gosto pela leitura.

2. ANÁLISE

2.1 Análise da intertextualidade entre o conto *Chapeuzinho Vermelho* e a história em quadrinhos da Turma da Mônica

A intertextualidade envolve as diferentes atitudes pelas quais a produção e a recepção de dado de um texto torna-se dependente da informação de outros textos advindo dos interlocutores, ou seja, trata-se dos fatores que tornam ao emprego de um texto pendente de um ou mais textos existentes.

Chapeuzinho Vermelho é uma alusão entre os diversos clássicos infantis. Em 1697, escrita por Charles Perrault, Chapeuzinho Vermelho teve sua primeira versão, e a partir de então, apareceram outras versões. Entre as tais, citamos a versão dos Irmãos Grimm, criada em 1812. A partir das obras dos Irmãos Grimm, o conto da Chapeuzinho Vermelho transformou-se entre o mais publicado e divulgado dentre os diversos contos espalhados pelo mundo.

Na versão de Perrault, vemos uma preocupação voltada à moral da história, enquanto que na versão dos irmãos Grimm o leitor recebe a um convite com o pressuposto de sua participação de forma narrativa.

Chapeuzinho Vermelho, versão escrita por Perrault, enfatiza a oposição entre a linhagem feminina, estendida em três gerações: filha, mãe e avó, e a presença de um personagem do sexo masculino, representada unicamente pelo lobo, que revela ameaça, terror e violência, intensificados pelo desfecho trágico do enredo: “*E assim dizendo, o malvado lobo se atirou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.*” (PERRAULT, 1697), dando ao conto um cunho moralista e realista.

Diferentemente, os irmãos Grimm, durante o desfecho, colocam o caçador, personagem masculino, como o herói, deixando manifestar o entendimento de que nem todos os homens são maus e perigosos:

[...] Tendo assim satisfeito o apetite, voltou para a cama, ferrou no sono e começou a roncar sonoramente. Justamente, nesse momento, ia passando em frente à casa o caçador, que ouvindo aquele ronco, pensou: (GRIMM, 2004, p. 05).

[...] O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa; a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho trazidos por Chapeuzinho Vermelho e logo sentiu-se completamente reanimada; (GRIMM, 2004, p. 05).

A versão do conto “Chapeuzinho Vermelho” dos irmãos Grimm propagam suavidade e circunstâncias afáveis, cujos aspectos negativos substituem-se pela esperança e pela confiança, e sempre destacando uma mensagem com teor positivo e satisfatório ao desejo do leitor.

Ao considerarmos elementos contextuais, como por exemplo, a época em que as obras foram escritas, os valores defendidos e o público a quem se conduzia, fica esclarecida que há uma altivez significativa com relação ao desfecho das obras.

É importante destacar que os contos dos irmãos Grimm reportam-se às narrativas, ou seja, texto voltado ao fantástico e maravilhoso por referir-se ao mundo da imaginação e da fantasia. Jacob e Wilhelm protegem os valores morais existentes no mundo real como a verdade, a caridade, a bondade, o trabalho, uma vez que em seus contos os personagens que praticam o bem são recompensados, enquanto àqueles que praticam o mal, são castigados.

Na versão de Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault há um castigo pela desobediência, enquanto que na obra dos irmãos Grimm, eles deixam um final feliz à netinha e à vovozinha:

[...] Os três alegraram-se, imensamente, com isso. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa; a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho trazidos por Chapeuzinho Vermelho e logo sentiu-se completamente reanimada; enquanto isso, Chapeuzinho Vermelho dizia de si para si: Nunca mais saíras da estrada para correr pela floresta, quando a mamãe te proibir! (GRIMM, 2004, p. 05).

Na obra dos irmãos Grimm, tanto a vovozinha quanto sua netinha são engolida pelo lobo, mas o caçador apresenta uma condição de sustento e alento para a história, bem como ele salva os bons e pune o mal, que é o lobo malvado, e mesmo que sua atuação seja constrangedora e violenta em abrir a barriga do lobo e, por conseguinte, preenchê-la de pedras. Tudo se torna aceitável, porque o bem, continuamente, prevalecerá ao mal. A chance que é oportunizada à menina de não morrer no final da história, destaca a mensagem no texto em que há a possibilidade de que os erros cometidos podem ser consertados, frisando que não se deve retornar a cometê-los.

Em outra versão dos irmãos Grimm, a história retrata que Chapeuzinho Vermelho já se encontrava aconselhada pela sua mãe sobre não dar ouvidos para estranhos, no caso o lobo:

[...] Chapeuzinho Vermelho, porém, não lhe deu ouvidos e seguiu o caminho bem direitinho, contando à avó que tinha encontrado o lobo, que este a cumprimentara, olhando-a com maus olhos (GRIMM, 2004, p. 15).

Deparando-se com o lobo, a narrativa é a mesma da primeira versão, porém Chapeuzinho Vermelho muito obediente a sua mãe não deu ouvidos ao lobo e seguiu seu caminho até à casa de sua vovozinha, que de imediato contou todo o ocorrido a ela. E, por sorte, seguiu seu caminho em uma estrada pública, ao invés de o caminho pela floresta. Com certeza, o lobo iria chegar às pressas, pois o caminho pela floresta é bem mais longo que pela estrada, e que de imediato as duas tomaram cuidado fechando cuidadosamente a porta.

[...]- Entra depressa, - disse a vovó; - fechemos bem a porta para que ele não entre aqui!

Com efeito, mal fecharam a porta, o lobo bateu, dizendo:

- Abre, vovó, sou Chapeuzinho Vermelho; venho trazer-te o bolo (Grimm, 2004, p. 14).

Como na versão anterior, o lobo bate à porta, porém não lhe foi aberta. A partir deste ponto a história toma outro rumo, distinta à primeira versão dos irmãos Grimm. Nesta segunda versão, o lobo tenta entrar pela chaminé e encantado pelo cheiro saboroso de salsicha, que subiu ao seu nariz, pôs-se a farejar e a espiar para baixo tentando enxergar de onde vinha tal cheiro que acabou por se desequilibrar e vindo a escorregar e cair dentro de uma gamela, onde morreu afogado.

Novamente, esta outra versão dos irmãos Grimm retrata um final feliz às protagonistas e a morte para o personagem que busca fazer o mal, no caso o lobo, porém nem a netinha nem a vovozinha são engolidas pelo lobo:

[...] Mas tanto espichou o pescoço que perdeu o equilíbrio e começou a escorregar do telhado indo cair exatamente dentro da gamela, onde morreu afogado. Assim, Chapeuzinho Vermelho pôde voltar felizmente para casa e muito alegre, porque ninguém lhe fez o menor mal (GRIMM, 2004, p. 05).

A obediência e a sinceridade apresentam uma condição de sustento e alento para a história, assim como os bons são salvos, enquanto há uma punição ao mal. Mesmo que a situação de afogamento, que é uma ação violenta à vida, o final ainda apresenta um final feliz, pois tudo se torna admissível porque o bem prevalece ao mal.

Na versão Maurício de Souza, história em quadrinhos da Turma da Mônica, traz o conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”, cuja análise ocorre que a Mônica, protagonista da HQ, é convidada por sua mãe em levar um lanche à dona Gumerinda. Mônica faz o papel da Chapeuzinho Vermelho, visto como até um capuz vermelho está usando, enquanto dona Gumerinda, o papel da vovozinha.

Podemos claramente perceber a intertextualidade logo no título da HQ de Maurício de Souza o que logo nos remete ao conto de fadas já conhecido dos irmãos Grimm, confirmando a ideia de Godstein de que todo texto deriva de outro anteriormente escrito. No decorrer de todo texto, percebemos alusões em palavras e frases, ao começar pelo título, “Chapeuzinho Vermelho”, seguindo do mesmo estilo de caso, ou seja, da menina que vai levar o lanche para uma pessoa mais velha e tem que passar pela floresta onde é enganada pelo lobo. Na floresta, a personagem canta uma música já conhecida, uma vez que faz uso novamente da alusão “*pela estrada afora eu vou bem sozinha, levar esse lanche para a dona Gumerinda...*” (SOUZA,1999, p. 01); também na conversa com o lobo, enquanto se passava pela senhora, percebemos novamente o uso desse recurso como em “*...porque esse narigão tão grande. É pra te cheirar melhor*” (SOUZA,1999, p. 06).

Maurício de Souza se utiliza da intertextualidade implícita, ou seja, não menciona a fonte e apresenta diversas funções como ironização e sentido contrário na história. Encontramos paráfrase quando o autor reescreveu a história de Chapeuzinho Vermelho com novas palavras e expressões, trocando, por exemplo, a vovó por dona Gumerinda, na forma da qual o lobo utilizou para enganar a menina no percurso e também no final da história.

A intertextualidade, na história em quadrinho da Turma da Mônica, destaca-se desde o início, porém ressalta quando a personagem Mônica, enquanto caminha pela estrada, canta a cantiga que retrata a história da Chapeuzinho Vermelho: “*Pela estrada*

afora, eu vou bem sozinha, levar este lanche pra dona Gumercinda... Ela mora longe, o caminho é deserto... E o lobo mau passeia aqui por perto...” (SOUZA,1999, p. 01).



Essa história, na versão HQ, traz os idênticos personagens, ambientes e diálogos descritos no conto dos irmãos Grimm, que são eles: Chapeuzinho, vovozinha, lobo, caçador, floresta, quarto da vovó e, principalmente, a conversa marcante entre os personagens lobo e Chapeuzinho. Portanto, podemos perceber que o autor utilizou da polifonia.

Vários traços de polifonia são vistos ao longo da história de Maurício de Souza, como por exemplo, o diálogo marcante do conto dos irmãos Grimm é quando a Chapeuzinho Vermelho pergunta sobre a boca do lobo, algo que na HQ é frisado de tal maneira quando o lobo estava irritado e pergunta à Mônica: “*Você não vai perguntar da boca?*”. (SOUZA,1999, p. 06),



A narrativa, na HQ, apresenta um texto mais moderno, como por exemplo: “A senhora tá com uma cara horrível!” (SOUZA,1999, p. 05), – disse a Mônica. Respondeu o lobo disfarçado de dona Gumercinda. “– É que eu fiz plástica, meu bem!” (SOUZA,1999, p. 05), utilizando a paráfrase, ou seja, há uma nova releitura, porém sem deixar os traços marcantes da história.



A Mônica é uma personagem com fama de possuir muita força quando provocada e, principalmente, quando mexem com o seu coelhinho Sansão.

Visto que o lobo quis devorar seu coelhinho, Mônica, independente da ajuda do caçador, conseguiu dar uma surra no lobo e por fim, após sua clemência, ajudou-o a se livrar dos caçadores, novamente temos uma retomada de texto utilizando o sentido contrário característica da intertextualidade implícita.

Diferentemente do conto de fadas dos irmãos Grimm, o lobo na versão Maurício de Souza, não morre, muito menos é considerado “mau”, mais uma vez o autor utiliza a polifonia e intertextualidade implícita.



O que ainda pode ser entendido como paródia, já que os irmãos Grimm tem um objetivo moralista, Maurício de Souza sempre busca finalizar suas HQ's com um teor cômico, ou seja, usa seus próprios personagens para deixar um final engraçado, feliz e divertido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo viabilizou uma aprendizagem sobre o estudo de intertextualidade, por meio da análise do conto de fada “Chapeuzinho Vermelho” de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm e “A turma da Mônica em: Chapeuzinho Vermelho” de Maurício de Souza.

Por meio do corpus teórico do trabalho o leitor pôde informar-se sobre a intertextualidade e seus artifícios, sua presença em todos os textos, e como ocorre. Ao fazer a leitura e analisar os textos, ele tem a oportunidade de vivenciar a intertextualidade a partir do instante que se inicia a leitura dos textos, resgata o lado infantil e a expectativa de um final no qual o bem prevalece.

Por meio da escolha dos textos podemos concluir que o autor é influenciado pelo público, em sua maioria infantil, escolhemos obras com características semelhantes para analisarmos e reforçarmos a intertextualidade presente. A HQ de Maurício de Souza é de muita riqueza e provavelmente despertará no aluno o reconhecimento da intertextualidade por meio do conhecimento do famoso conto dos irmãos Grimm. É possível concluir que durante toda história em quadrinhos é estabelecido um diálogo com o conto de fadas, mantendo as características inerentes a cada personagem, o que exige um conhecimento prévio da turma da Mônica. Desse modo verificamos que a literatura promove alterações no subconsciente e no inconsciente das pessoas, envolvendo-as e remetendo-as a outros conhecimentos e textos produzidos anteriormente.

O principal objetivo desse artigo foi alcançado ao relacionarmos os dois textos. Verificamos a intertextualidade presente e os recursos linguísticos utilizados para tal, facilitando o reconhecimento de alusão, citação, paráfrase, paródia, dentre outros. Dessa forma, contribuímos para a formação do leitor, comprovamos que a intertextualidade se

faz presente em todos os textos seja de forma implícita ou explícita numa frase que nos remete a algo escrito ou até mesmo a história como um todo.

Contudo, finalizamos afirmando que a intertextualidade desperta a curiosidade acerca do outro texto, gerando novas expectativas, aguçando a criatividade e promovendo o interesse pela leitura, além do que trabalhar com a história em quadrinhos é uma forma de resgatar os contos infantis e o mundo mágico da imaginação. Portanto, cabe ao educador instigar os alunos a buscarem a leitura implícita nas entrelinhas traçando novos caminhos e expectativas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GOLDSTEIN, Norma Seltzer; LOUZADA, Maria Silvia; IVAMOTO, Regina. **O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade**. São Paulo: Ática, 2009. p. 47-56.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Chapeuzinho vermelho**. 7. ed. Tradução Nilce Teixeira. São Paulo: Ática, 2004.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 142-151.

PERRAULT, Charles. **Contos da Mamãe Gansa**. Rio de Janeiro: Peralta, 1697.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. Disponível em https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf. Acesso em 25 abril. 2017

SOUSA, Maurício de. **A turma da Mônica em: chapeuzinho vermelho**. Rio de Janeiro: Girasol, 1999.